

## RESENHA CRÍTICA

MORRIS, Rosalind C. (Org.). *Can the subaltern speak?: reflections on the history of an idea*. New York: Columbia University Press, 2010<sup>1</sup>.

Cídio Lopes de Almeida  
[sem revisão por pares]

O livro consiste em fragmentos de uma publicação intitulada "*Can The Subaltern Speak? Reflections On The History Of An Idea*," [Pode a Subalterna Tomar a Palavra] editada por Rosalind C. Morris, com contribuições de Gayatri Chakravorty Spivak e outros autores. A obra discute extensivamente a questão da subalternidade e a possibilidade de agência e voz dos grupos oprimidos, especialmente mulheres em contextos coloniais e pós-coloniais. Os autores examinam conceitos teóricos como ideologia, poder, representação, e as intersecções de gênero, raça e classe, frequentemente engajando-se com as ideias de pensadores como Marx, Foucault, Deleuze e Derrida. Através de análises de casos específicos, como o *sati* na Índia e a experiência de trabalhadoras domésticas migrantes em Singapura, os textos investigam as estruturas históricas e sistêmicas que silenciam e exploram sujeitos, ao mesmo tempo em que refletem sobre a prática intelectual e ativista necessária para contestar essas dinâmicas.

**Palavras-chave: subalternidade, representação, pós-colonialismo, feminino, voz.**

### Conceitos Centrais e Argumentos

A Questão da Voz Subalterna, o cerne do debate é a capacidade do "subalterno", aquele que está fora das estruturas de poder hegemônicas e, portanto, não tem voz ou representação, de falar e ser ouvido. Spivak argumenta que a subalterna (especialmente a mulher subalterna) é duplamente silenciada, pela opressão colonial/imperialista e pelo patriarcado. A questão não é apenas se o subalterno pode emitir sons, mas se sua fala pode ser inteligível e reconhecida dentro dos discursos dominantes.

Crítica ao Essencialismo Ocidental: Spivak critica pensadores ocidentais como Gilles Deleuze e Michel Foucault por, apesar de suas intenções de descentrar o sujeito, inadvertidamente reconsolidarem uma posição ocidental universalista. Ela argumenta que eles falham em reconhecer a não-universalidade da posição ocidental e o lugar

---

<sup>1</sup> O nosso encontro com a obra em tema se deu a partir de uma rede social na qual a amiga e pesquisadora Laura Ottoni fez um post de uma imagem, figurando na fachada de uma edificação com a escrita estampada na sua frente, como as placas comercial, com o dizer: "penso mas não existo". O que seguiu algumas brincadeiras, na qual eu registrei, já pensando em Spivak, "os subalternos, pensam?". Após idas e vindas, a pesquisadora sugeriu a obra na tradução em português: "Pode a Subalterna Tomar a Palavra", da lavra da editora Orfeu Negro, na tradução de António Sousa Ribeiro, 2021, do original *Can The Subaltern Speak?* O texto nos mostrou instigante a princípio em função da leitura anterior, *Pode o Subalterno Falar?*.

constitutivo do gênero na formação do sujeito, especialmente no acesso ao poder através da linguagem.

A obra explora como a ideologia dominante (masculina-imperialista) produz a necessidade de uma "missão de resgate" para o subalterno, silenciando suas próprias narrativas e experiências. A famosa frase de Spivak, "Homens brancos estão salvando mulheres pardas de homens pardos", ilustra a complexidade dessa dinâmica, onde a intervenção ocidental pode perpetuar novas formas de dominação, mascaradas como libertação.

O Caso da Sati e Bhubaneswari Bhaduri: Spivak analisa dois casos históricos de "suicídios" na Índia. A prática do sati (sacrifício de viúvas) e o caso de Bhubaneswari Bhaduri, uma jovem que cometeu suicídio em 1926. Através desses exemplos, ela demonstra como as narrativas ocidentais e coloniais distorceram e silenciaram as vozes e motivações das mulheres envolvidas, tornando suas ações ilegíveis ou mal interpretadas. A dificuldade de compreender a agência dessas mulheres força uma "desaprendizagem" das noções normativas de piedade e excesso associadas à mulher do Terceiro Mundo.

O tema da tradução não apenas como um problema linguístico, mas como uma metáfora para a ininteligibilidade do discurso subalterno. A dificuldade de traduzir a experiência subalterna para as categorias ocidentais revela a "patologia do diferendo" – a intraduzibilidade mútua de discursos – que impede a compreensão genuína.

A Contribuição da Coletânea. Os ensaios que compõem o volume expandem as reflexões de Spivak, aplicando e debatendo suas ideias em diversos contextos pós-coloniais e contemporâneos. Eles abordam temas como os estudos subalternos após Spivak, a ética dos direitos humanos, a biopolítica, a escravidão nos EUA, as forças coloniais na Primeira Guerra Mundial e a subalternidade de mulheres indígenas na Guatemala e no México. A seção final, "In Response", traz uma resposta da própria Spivak, olhando para trás e para o futuro de suas ideias.

A obra é uma meditação sobre poder, representação, voz e silêncio, desafiando os leitores a questionar as estruturas de conhecimento e as formas como a história é contada, especialmente quando se trata daqueles que foram historicamente marginalizados e silenciados.

### **Anotações sobre a obra**

A obra foi editada por Rosalind C. Morris, representa um marco significativo na contínua recepção e reavaliação do ensaio seminal de Gayatri Chakravorty Spivak, "*Can*

*the Subaltern Speak?*" [Pode a Subalterna Tomar a Palavra]. Publicado originalmente em 1988 e posteriormente revisado em 1999, o texto de Spivak não é apenas um pilar dos estudos pós-coloniais, mas também uma intervenção crítica que ressoa profundamente nos campos da teoria feminista, da crítica literária e da filosofia contemporânea. Esta coletânea, que emerge de uma conferência na Columbia University, transcende a mera compilação de comentários, oferecendo uma plataforma para aprofundar as complexidades inerentes à questão da voz, da representação e da agência dos sujeitos subalternizados.

O ensaio original de Spivak desafiou as premissas de pensadores ocidentais proeminentes, como Gilles Deleuze e Michel Foucault, argumentando que, apesar de suas intenções de descentrar o sujeito, eles inadvertidamente perpetuavam uma forma de universalismo ocidental que falhava em reconhecer as especificidades da opressão e do silenciamento em contextos não-ocidentais, particularmente no que tange à mulher subalterna. A pergunta "Pode o subalterno falar?" não é retórica, mas uma provocação que expõe as intrincadas camadas de poder e ideologia que impedem a articulação e a audibilidade das vozes marginalizadas.

Nosso rascunho ou anotações à margem da obra busca, primeiramente, delinear os conceitos fundamentais apresentados na obra, tanto no ensaio original de Spivak quanto nas contribuições dos diversos autores da coletânea. Em seguida, procederá a uma análise reflexiva e crítica, estabelecendo nexos entre os temas abordados e o debate filosófico contemporâneo, explorando a relevância contínua das ideias de Spivak e as novas direções que a coletânea propõe para a compreensão da subalternidade, da representação e da ética na pesquisa acadêmica e na práxis política. A obra, em sua totalidade, convida a uma reavaliação constante das formas como o conhecimento é produzido e como as narrativas históricas são construídas, especialmente aquelas que envolvem os que foram sistematicamente excluídos da história oficial.

## **Conceitos Centrais da Obra**

### **A Subalternidade e a Questão da Voz**

O conceito de "subalterno" é central para a obra. Derivado dos estudos do Grupo de Estudos Subalternos, que se inspirou em Antonio Gramsci, o termo refere-se àqueles que estão fora das estruturas de poder hegemônicas e, conseqüentemente, são privados de voz e representação. Spivak, no entanto, aprofunda essa noção, argumentando que a subalternidade não é meramente uma condição de marginalização econômica ou política,

mas uma posição epistemológica de silenciamento. A pergunta "Pode o subalterno falar?" não se refere à capacidade física de emitir sons, mas à possibilidade de sua fala ser ouvida, compreendida e reconhecida dentro dos discursos dominantes. Para Spivak, a mulher subalterna é duplamente silenciada: pela opressão colonial/imperialista e pelo patriarcado, tornando sua voz ainda mais inaudível e ilegível.

### **Crítica ao Sujeito Ocidental e à Representação**

Um dos pontos mais incisivos da crítica de Spivak é direcionado a pensadores ocidentais como Gilles Deleuze e Michel Foucault. Embora reconheça a importância de suas contribuições para a desconstrução do sujeito cartesiano e a análise das relações de poder, Spivak argumenta que eles falham em transcender completamente o eurocentrismo. Ela aponta que, ao teorizarem sobre o sujeito e o poder, eles inadvertidamente reconsolidam uma posição ocidental universalista, sem considerar a especificidade das experiências não-ocidentais. A crítica de Spivak reside na incapacidade desses pensadores de reconhecer a não-universalidade da posição ocidental e o papel constitutivo do gênero na formação do sujeito, especialmente no que diz respeito ao acesso ao poder através da linguagem. A representação, nesse contexto, é vista não apenas como a capacidade de falar em nome de alguém, mas como a própria constituição do sujeito através do discurso.

### **Ideologia e a "Missão de Resgate"**

Spivak desvela a intrincada relação entre ideologia e representação, particularmente na forma como a ideologia dominante (masculina-imperialista) constrói a necessidade de uma "missão de resgate" para o subalterno. A famosa frase "Homens brancos estão salvando mulheres pardas de homens pardos" encapsula a complexidade dessa dinâmica. Essa formulação não é uma simplificação, mas uma crítica contundente à forma como a intervenção ocidental, muitas vezes, perpetua novas formas de dominação sob o pretexto de libertação. A ideologia, aqui, opera silenciando as narrativas e experiências próprias dos subalternos, substituindo-as por uma representação que serve aos interesses do poder hegemônico. A obra argumenta que essa "missão de resgate" impede a emergência de histórias alternativas que poderiam ter sido escritas a partir da perspectiva da mulher subalterna, revelando as instabilidades das reivindicações de verdade oferecidas pela ideologia imperialista.

## O Caso da Sati e Bhubaneswari Bhaduri

Para ilustrar suas teses, Spivak recorre a dois exemplos históricos da Índia: a prática do sati (o sacrifício de viúvas) e o caso de Bhubaneswari Bhaduri, uma jovem que cometeu suicídio em 1926. Através de uma análise meticulosa desses eventos, Spivak demonstra como as narrativas ocidentais e coloniais distorceram e silenciaram as vozes e motivações das mulheres envolvidas. No caso do sati, a abolição britânica, embora aparentemente progressista, foi enquadrada de uma forma que apagava a agência das mulheres indianas e reforçava a superioridade moral britânica. O caso de Bhubaneswari Bhaduri, uma revolucionária que se suicidou, é apresentado como um enigma, cujas motivações foram obscurecidas pelas interpretações ideológicas. Spivak argumenta que a dificuldade em compreender a agência dessas mulheres exige uma "desaprendizagem" das noções normativas de piedade e excesso que foram associadas à mulher do Terceiro Mundo, tanto pelo Ocidente quanto pelo Oriente.

## Tradução e Ininteligibilidade

A questão da tradução é abordada por Spivak não apenas em seu sentido literal, mas como uma metáfora para a ininteligibilidade do discurso subalterno. A dificuldade de traduzir a experiência subalterna para as categorias conceituais ocidentais revela o que ela chama de "patologia do diferendo" – a intraduzibilidade mútua de discursos. Isso significa que a fala do subalterno, mesmo quando proferida, pode não ser compreendida ou reconhecida pelas estruturas de poder, pois não se encaixa nas categorias de pensamento e linguagem dominantes. A obra sugere que essa ininteligibilidade é uma forma de silenciamento, que impede a subalterna de ser verdadeiramente ouvida e de ter sua agência reconhecida.

## A Contribuição da Coletânea e as Novas Perspectivas

Os ensaios que compõem o volume expandem as reflexões de Spivak, aplicando e debatendo suas ideias em uma variedade de contextos pós-coloniais e contemporâneos. Eles abordam temas como os desenvolvimentos nos estudos subalternos após Spivak, a ética dos direitos humanos, a biopolítica, a escravidão nos EUA, as forças coloniais na Primeira Guerra Mundial e a subalternidade de mulheres indígenas na Guatemala e no México. A inclusão de uma seção "In Response" com uma resposta da própria Spivak, "Looking Back, Looking Forward", demonstra a natureza dinâmica e evolutiva de suas

ideias, convidando a uma contínua reflexão sobre o legado e o futuro da teoria pós-colonial e feminista.

## **2 O Debate Filosófico Contemporâneo: Crítica ao Universalismo e o Pós-Estruturalismo**

A crítica de Spivak a Deleuze e Foucault, embora muitas vezes mal interpretada como uma rejeição total de suas filosofias, é, na verdade, uma intervenção pós-estruturalista que busca radicalizar a desconstrução do sujeito. Ao apontar as limitações de uma análise que não considera as especificidades de gênero e de contextos não-ocidentais, Spivak alinha-se a uma vertente do pós-estruturalismo que questiona a universalidade das categorias ocidentais de pensamento. Esse debate é fundamental para a filosofia contemporânea, que tem se debruçado sobre a necessidade de descolonizar o pensamento e reconhecer a pluralidade de epistemologias. A obra nos força a questionar: em que medida as teorias ocidentais, mesmo as mais críticas, podem realmente capturar a complexidade das experiências subalternas sem reproduzir novas formas de dominação epistêmica? A resposta de Spivak sugere que a autocrítica radical é indispensável para qualquer projeto filosófico que almeje a justiça social e epistêmica.

### **Ética da Alteridade e Reconhecimento**

A questão "Pode a subalterno falar?" transcende a linguística e a política, adentrando o campo da ética. A ininteligibilidade da voz subalterna, como Spivak demonstra, não é um acidente, mas um produto de estruturas ideológicas que impedem o reconhecimento pleno da alteridade. Esse ponto se conecta diretamente com as discussões contemporâneas sobre a ética da alteridade, especialmente em pensadores como Emmanuel Levinas, que enfatizam a responsabilidade incondicional para com o Outro. No entanto, Spivak adiciona uma camada de complexidade ao argumentar que o reconhecimento não é um ato unilateral do sujeito dominante, mas um processo que exige a desconstrução das próprias categorias que tornam o Outro inteligível. A obra nos desafia a ir além de uma mera tolerância ou inclusão, buscando uma ética que permita a emergência de vozes e subjetividades que foram historicamente silenciadas, sem que sejam assimiladas ou traduzidas para as categorias do dominante.

### **Feminismo Pós-Colonial e Interseccionalidade**

A análise de Spivak sobre a mulher subalterna como duplamente silenciada – pela opressão colonial/imperialista e pelo patriarcado – é um precursor fundamental do feminismo pós-colonial e da teoria da interseccionalidade. A obra demonstra como as categorias de gênero, raça, classe e nacionalidade se entrelaçam para produzir formas específicas de opressão e silenciamento. Esse é um tema de crescente importância no feminismo contemporâneo, que busca compreender as múltiplas camadas de discriminação e as experiências únicas de mulheres que se encontram em posições de subalternidade. A resenha de Spivak sobre o sati e o caso de Bhubaneswari Bhaduri servem como exemplos contundentes de como a interseccionalidade é crucial para desvendar as complexidades da agência feminina em contextos de opressão, desafiando narrativas simplistas e universalizantes.

### **A Problemática da Representação e a Crise da Verdade**

A obra de Spivak, e a coletânea que a acompanha, confronta diretamente a problemática da representação, tanto no sentido político (representar alguém) quanto no sentido epistemológico (representar a realidade). A crítica à "missão de resgate" e à construção da "mulher do Terceiro Mundo" como um monolito ideológico expõe a crise da verdade e da objetividade na pesquisa. Em um cenário contemporâneo marcado pela proliferação de "fake news" e pela desconfiança nas instituições, a obra de Spivak nos lembra que a verdade não é um dado neutro, mas uma construção discursiva que reflete relações de poder. A questão não é apenas o que é dito, mas quem tem o poder de dizer e quem é ouvido. Isso tem implicações profundas para a filosofia da linguagem, a epistemologia e a teoria crítica, que precisam lidar com a complexidade da produção do conhecimento em um mundo onde as vozes subalternas continuam a ser marginalizadas.

### **Desdobramentos e os Desafios Futuros**

A obra não oferece respostas fáceis, mas sim um conjunto de questões complexas que continuam a desafiar o pensamento contemporâneo. A obra nos convida a uma autocrítica constante, a desaprender as categorias que nos foram impostas e a buscar novas formas de escuta e reconhecimento. O debate filosófico contemporâneo, ao lidar com questões como a justiça global, a descolonização do saber, a ética da inteligência artificial e a crise da representação política, encontra nas ideias de Spivak um terreno fértil para a reflexão. A persistência da pergunta "Pode o subalterno falar?" em diferentes contextos – desde as vozes silenciadas em conflitos armados até as narrativas

marginalizadas nas redes sociais – atesta a relevância atemporal da obra e o desafio contínuo de construir um mundo onde todas as vozes possam ser não apenas emitidas, mas verdadeiramente ouvidas e reconhecidas.

Através da análise aprofundada dos conceitos de subalternidade, representação, ideologia e tradução, a obra nos força a confrontar as limitações de nossas próprias categorias de pensamento e a reconhecer a persistência do silenciamento em diversas esferas. A crítica de Spivak ao universalismo ocidental e sua insistência na interseccionalidade das opressões fornecem ferramentas analíticas poderosas para desvendar as complexidades das experiências marginalizadas. Os casos históricos do sati e de Bhubaneswari Bhaduri, meticulosamente examinados, ilustram de forma contundente como as narrativas dominantes podem apagar a agência e distorcer a verdade dos sujeitos subalternos.

Os ensaios adicionais na coletânea enriquecem o debate, aplicando as lentes de Spivak a uma gama diversificada de temas, desde a biopolítica até a subalternidade em contextos específicos como a escravidão e os movimentos indígenas. Essa expansão demonstra a fecundidade das ideias de Spivak e sua capacidade de inspirar novas pesquisas e reflexões críticas. A obra, portanto, não é um ponto final, mas um convite contínuo à autocrítica e à busca por uma escuta mais atenta e responsável das vozes que foram historicamente marginalizadas.

A obra nos provoca a questionar as estruturas de poder que determinam quem pode falar e quem é ouvido, e a trabalhar ativamente para criar espaços onde a voz do subalterno possa não apenas ser emitida, mas verdadeiramente ressoar e ser reconhecida em toda a sua complexidade e singularidade. A voz do subalterno precisa descolar-se para ser estrutural nas novas epistemologias e não um outro aceito como decorativo. A relevância da obra se manifesta na sua capacidade de nos fazer refletir sobre o nosso próprio papel na perpetuação ou na desconstrução dessas estruturas, tornando-a uma leitura para todos que buscam uma compreensão não colonial enquanto não apenas um povo que domina o outro, mas a própria forma de pensar o mundo como colonizador.

### **Referências Bibliográficas**

Morris, Rosalind C. (Ed.). (2010). *Can the Subaltern Speak? Reflections on the History of an Idea*. Columbia University Press.

Spivak, Gayatri Chakravorty. (1988). Can the Subaltern Speak?. In Cary Nelson & Lawrence Grossberg (Eds.), *Marxism and the Interpretation of Cultures* (pp. 271-313). University of Illinois Press.

Spivak, Gayatri Chakravorty. (1999). *A Critique of Postcolonial Reason: Toward a History of the Vanishing Present*. Harvard University Press.